

110 anos de histórias

OLÉ!!!



ante da edição n.º 5420 de 19 de Agosto de 2005 do semanário O Figueirense e não pode ser vendida separadamente.

COTA
F
791.8
OLE

O FIGUEIRENSE

Entre Barreiras

Neste passeio pelo interior do Coliseu Figueirense, quisemos espreitar os curros, o pátio dos cabrestos, os camarotes, a enfermaria, o embolador, a capela, onde os toureiros pedem protecção, antes de chegar às trincheiras.

Percorremos os longos corredores caiados de branco e vermelho – cores emblemáticas que fazem história. Lemos as placas evocativas que deixam memórias e, para as páginas seguintes, fizemos respigos de momentos, de saudades... de arte.

É talvez este o fio condutor deste conjunto de linhas e imagens.

O Figueirense mostra a beleza de um imóvel polivalente que encerra inolvidáveis tardes de aficção.

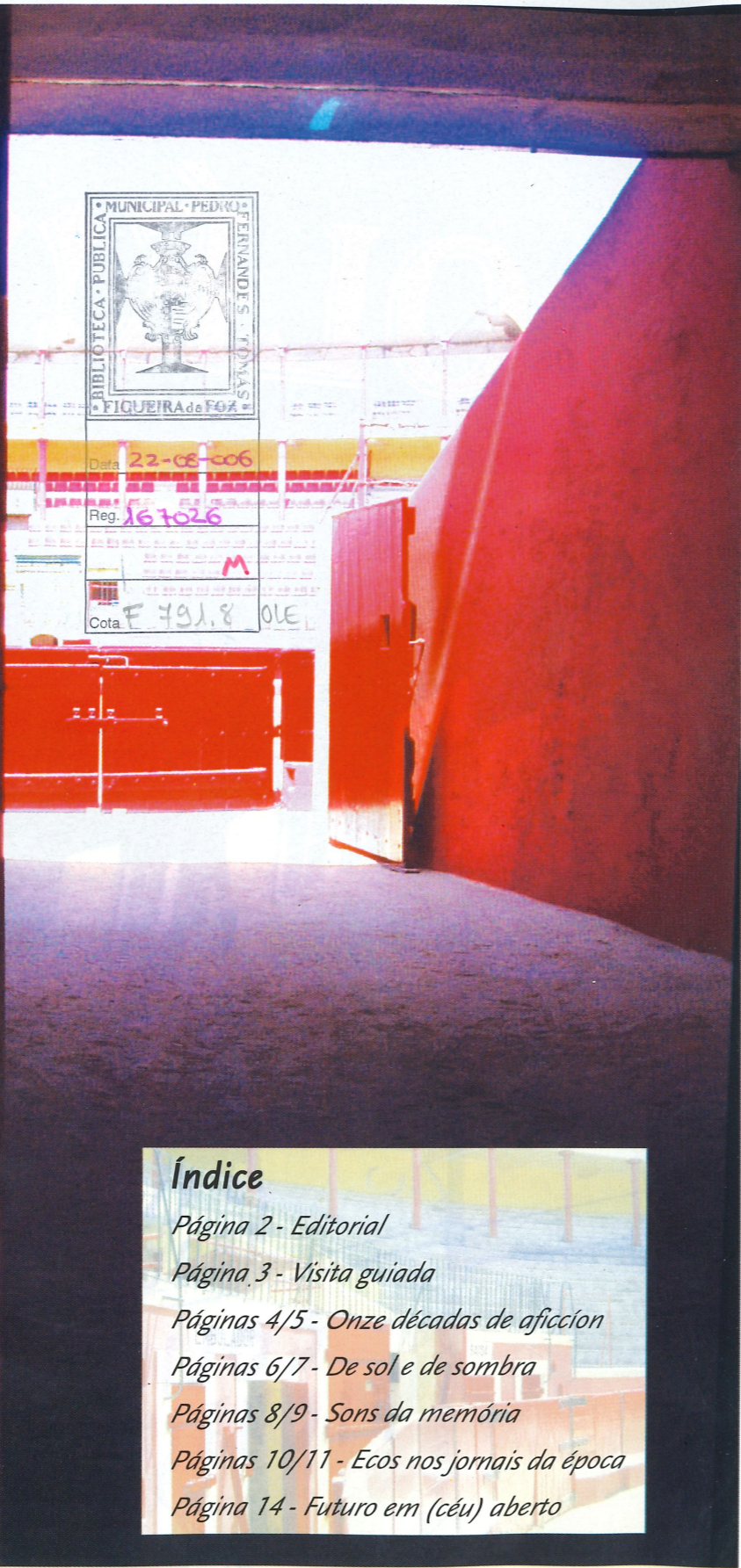
A demora no espaço deu para subir às galerias, contemplar o redondez, e apreciar a claridade dos céus da Figueira.

Recordámos Jaime Viana, Mendes do Amaral, Vítor Pais, Viegas Nascimento e tantos outros que já partiram e que nos habituámos a ver ligados a este centenário edifício.

Trocámos recordações bordadas a ouro, como as casacas dos toureiros, e transportámos o possível para estas páginas.

Deliciem-se!

António Jorge Lé



Índice

Página 2 - Editorial

Página 3 - Visita guiada

Páginas 4/5 - Onze décadas de aficção

Páginas 6/7 - De sol e de sombra

Páginas 8/9 - Sons da memória

Páginas 10/11 - Ecos nos jornais da época

Página 14 - Futuro em (céu) aberto

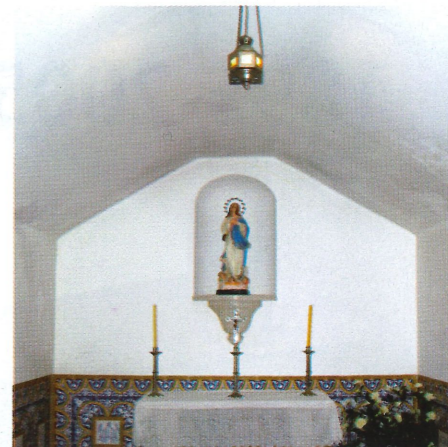
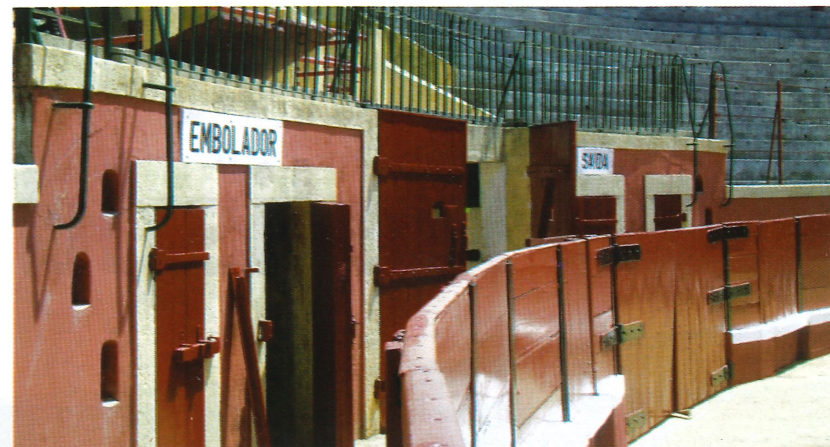
Ficha Técnica

Director: António Jorge Lé
Director Comercial: Ângelo Bragança Coelho
Coordenação, textos e imagem: Andreia Gouveia

Design Gráfico: Andreia Gouveia, Leonor Rama
Marketing e Publicidade: Irene Lopes

Impressão e Acabamento
CIC – Coraze

O FIGUEIRENSE
jornal@ofigueirense.com



Visita guiada

Entre as bancadas e a arena fica a teia, onde se encontram os barladeros, pequenos muros onde os autorizados a permanecer na teia durante as touradas se podem, e devem, resguardar. Em silêncio, porque os touros têm um ouvido apuradíssimo.

As galerias, em cima, e as bancadas, em cimento, em baixo. O aluguer de almoçadas foi um dos negócios paralelos às touradas.



A capela, inaugurada em 1968, e agora pintada, é um local pequeno e tenuamente iluminado, onde uma única imagem recebe as orações dos que lá se dirigem. Antes dos espectáculos para pedir protecção, depois para agradecer.

Os curros. Por cima trabalham os homens, em baixo, seguros entre paredes e toros de madeira, estão os animais. Atrás, o pátio dos cabrestos.



1895-2005

Coliseu Figueirense



A comemorar os 110 anos de vida, o Coliseu Figueirense é há muito um dos *ex libris* da Figueira da Foz. Poucos edifícios da cidade terão tantas histórias para contar, tantos nomes a recordar, tanta alma espalhada por paredes curvas que se erguem em contrastes de luz e sombra, que sublinham a sua estética intemporal.

Nasceu nos estertores da democracia, viu nascer a República, sobreviveu ao Estado Novo e acolheu as iniciativas tornadas possíveis pelo advento da Revolução de Abril de 1974, como as corridas taumáquicas promovidas por estruturas sindicais. A madeira que lhe deu corpo em tempo recorde – a sua construção demorou três meses – deu lugar ao cimento armado, em obras realizadas ao sabor das possibilidades pelas sucessivas direcções, começadas

em 1914 e concluídas em 1964, altura em que toda a praça é feita deste material. O frio dos assentos abre as portas a um negócio paralelo: o do aluguer de almofadas, explorado durante anos pelo asilo Obra da Figueira. As almofadas serviam ainda outro fim, descrito pelo *O Figueirense* na notícia sobre a tourada realizada a 28 de Agosto de 1927, e recordado por Francisco José Salgado Guimarães, aquando do centenário do touril: “O principal atractivo da corrida era a morte de dois touros que foram, na verdade, estoqueados, o primeiro muito bem, dizem os aficionados, e o segundo muito mal, tão mal que a grande maioria da assistência não pôde esconder a sua indignação, assobiando o espada (Francisco Peralta Faculdades) e atirando-lhe as almofadas”. Esta corrida e outra, realizada a 8 de Setembro do mesmo

ano, seriam as primeiras e últimas com touros de morte. Na última, e ainda segundo Salgado Guimarães, o espada José Belmonte terá simulado um ferimento e saído da arena em braços, provocando nos espectadores, quando perceberam que não houvera qualquer lesão, reacções de indignação que acabaram por levar o espada a declarar não voltar à praça, por ter medo do touro. Voltaria, mas com outra rês, “de cabeça leve e com focinho de vaca. Belmonte, entrou entre os apupos da assistência, saltou a praça e quis lidar o bicho, mas não o conseguiu, porque vastas vezes se atrapalhou em frente do animal, tendo tido muita sorte em não ser colhido. E sem qualquer preparação, depois de várias vezes ter deixado cair o estoque e a muleta, conseguiu espetar, mas tão atabalhoadamente, que o animal manteve-se em pé

sem quaisquer indícios de morte, sangrando abundantemente. (...) Como toda a gente visse que a empresa e o público haviam sido vigarizados, a autoridade mandou prender o toureiro, que atravessou a arena no meio da polícia”.

Emoção era o que não faltava nestas tardes de brilho e calor humano, abrilhantadas desde a primeiro hora pelas filarmónicas Figueirense e Dez de Agosto. Uma das tardes mais gloriosas, ainda segundo Salgado Guimarães, aconteceu a 9 de Setembro de 1928, com a presença da família de cavaleiros Casimiro, a que assistiu o então Presidente da República General Óscar Carmona, aplaudindo-se sobretudo a exibição do pequeno Fernando Casimiro, de apenas 10 anos.

Mas foi apenas uma, entre muitas...

São muitas as histórias, incontáveis as emoções, indescritível o brilho de algumas tardes. Muitos dos que poderiam recordá-las já não estão entre nós. O *Figueirense*, nesta homenagem à longa vida do Coliseu Figueirense, escolheu como guia um homem simples que há 51 anos veio para o touril pintar os portões, enamorou-se da filha do guarda da praça, com ela casou e ficou durante décadas a viver e a trabalhar numa casa sobranceira à arena, de que hoje é o principal curador. Conhece aquelas paredes, e as suas histórias, como a palma das suas mãos.

As rugas no seu rosto são também as marcas da que não foi, durante muito tempo, a sua segunda casa – foi a primeira.

Ilídio Oliveira abriu-nos os portões do Coliseu Figueirense. Entremos...



De sol e de sombra

Longos corredores que conduzem à sombra ou ao sol, à bancada ou à galeria, recantos onde animais e homens confraternizam antes do duelo, instrumentos de pesagem, roldanas que fazem deslizar as portas que encurralam os bichos, para preparar os pitons (pontas dos chifres), para os tratar, para os deixar sair.

Ilídio Oliveira ainda é do tempo em que a praça não tinha luz, nem janelas, e os animais eram por isso conduzidos à arena por um caminho iluminado por um gásómetro. Ainda se lembra de ouvir contar sobre a que é hoje a Rua de O Figueirense, e que era, até há não muitos anos, a Rua dos Curros. Lá, com "carros de bois, carroças, tábuas e tranqueiras", se fizeram as primeiras corridas de touros. O interesse da população pela festa brava levou a Santa Casa da Misericórdia a construir, em 1850, uma praça de touros perto do Convento de Santo António, num local que durante muito tempo foi conhecido como o Largo do Touril. Mas as condições estavam ainda longe das ideais, e um homem assumiu como sua a missão de alterar esse cenário, dotando a cidade com um recinto à altura da *afición* figueirense.

João Antunes Pereira das Neves, médico e aficionado, uniu esforços com Aníbal Augusto de Melo e, em 23 de Março de 1895, ficou decidida a criação da Companhia do Coliseu Figueirense, uma sociedade por acções com um capital social de 10 mil réis. A obra seria feita num terreno de João das Neves, que o cedia por 30 anos, em troca de 25 por cento dos lucros líquidos e um camarote.

A beleza do Coliseu Figueirense está, mais do que na traça imponente, nos pormenores, nos enquadramentos pouco menos do que perfeitos, como se tivessem sido pensados e sonhados por alguém com alma de fotógrafo.



Os jogos de luzes, os efeitos da pedra, da calçada portuguesa, os requintes das ferragens, a simplicidade das letras e dos números, sobreviveram ao passar dos anos, ao sobrevir da tecnologia, às ameaças da indústria do entretenimento.

A palavra "coliseu", que deriva do latim "colosseu", significa originalmente 'colossal', grandioso. Uma visita basta para perceber porquê.



A construção do coliseu não podia ter chegado em melhor altura. Cerca de 500 figueirenses conseguiram trabalho, um bem raro naquele tempo.

A cidade fervilhava de entusiasmo, na expectativa de um novo espaço de lazer que representava, ao mesmo tempo, um potencial de crescimento económico numa cidade castigada pela recessão.

Tanta era a ansiedade que a obra se fez em tempo recorde.

Em apenas três meses a primeira praça de touros que, na Figueira, honrava essa designação, estava pronta a ser inaugurada. A primeira corrida foi marcada para 25 de Agosto, corria o ano de 1895.

Mais de 6 mil pessoas fize-



Um não acabar de corredores e túneis de tectos arqueados, onde o frio das paredes derrete ao calor das emoções, convida a um passeio sem pressas.

É imprescindível subir e descer escadas, curvar a cabeça para entrar nos espaços mais exíguos, espreitar cada recanto, atentar em cada azulejo, encontrar abrigo de um touro imaginário num barladero, percorrer a teia, sentir o saibro sob os pés, bem no centro da arena, e tentar ouvir o eco das multidões que encheram as bancadas durante os 110 anos que contam estas paredes.

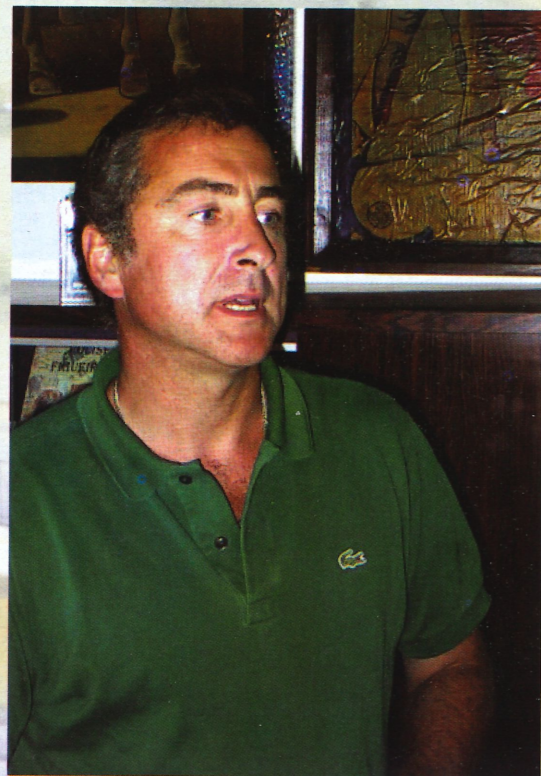
ram questão de assistir à exibição de Alfredo Tinoco da Silva, um reputado cavaleiro a quem coube a honra de encabeçar o primeiro de muitos cartazes da festa brava naquele espaço.

O semblante da Figueira mudou a partir desse 25 de Agosto. As tardes de tourada traziam à cidade aficionados de todos os cantos do país, e também muitos espanhóis.

Relatos da época afirmam que as ruas da Figueira se transfiguravam quando havia corrida, enchendo-se de senhoras bem vestidas e cavaleiros de flor na lapela.



Músicas da memória



“Por vezes o silêncio é tanto que, das bancadas, ouve-se o que o toureiro diz ao touro, ouve-se o respirar da arena”

– Miguel Amaral

Nostálgico de um passado em que o espírito tauromáquico era vivido com “outra intensidade”, Miguel Amaral, presidente da direcção da Companhia do Coliseu Figueirense, recorda alguns dos nomes com que teve o privilégio de aprender a *afficion* e o amor pelo Coliseu.

Jaime da Silva Viana, Luís Viegas Nascimento, Vítor Manuel Figueiredo Pais, Francisco Marçal Perié, Vítor Filipe Falcão Pais, Abel Francisco Machado e António Mendes do Amaral, seu pai, são apenas alguns dos muitos homens que dedicaram parte significativa das suas vidas ao prestígio do touril.

Também recorda os tempos em que as pessoas trajavam a rigor para assistir ao espectáculo. “Os touros vinham pelos campos do Mondego, com os respectivos campinos, e só

junto à entrada da estação de comboios é que eram colocadas as caixas próprias para o efeito.

Juntavam-se então os cavaleiros, os peões de brega, a banda e o público em festa, atrás. Era um cortejo imponente.”

Aquando do centenário, em 1995, o Coliseu Figueirense recriou o cortejo, cuja tradição se perdeu logo após o 25 de Abril de 1974.

Depois, já no redondel, o ambiente era de festa. As bancadas, de pedra, não se adequavam aos corpos sensíveis das damas, nem aos imaculados trajes dos cavaleiros. Surgiu assim um negócio paralelo: o do aluguer de almofadas. Por um preço simbólico, o público usufruía assim de um conforto extra.

Mas as almofadas acabariam por ser incorporadas de

forma mais directa no espectáculo, substituindo frequentemente as tradicionais flores que se lançam quando a prestação de um toureiro é particularmente bem sucedida.

O negócio chegou mesmo a ser entregue à exploração pela Santa Casa da Misericórdia, um dos accionistas.

A tourada faz-se de pequenos rituais como este.

Miguel Amaral realça ainda o aspecto musical, com que se dirigem os trabalhos durante o espectáculo.

O director da corrida dá, através do corneteiro, as diferentes instruções: entrada de forçado, saída de cavaleiro, direito a mais uma bandarilha...

Nos primeiros ferros, por exemplo, a banda não toca, porque os acordes inaugurais estão guardados para o primeiro bom desempenho do cavaleiro.

Os sons são, assim, um elemento activo nas touradas.

Mas nem sempre há músi-

ca. “Por vezes o silêncio é tanto que, das bancadas, ouve-se o que o toureiro diz ao touro, ouve-se o respirar da arena”.

Emoção não falta, não fosse este, para os aficionados, o espaço da demonstração suprema de bravura.

Ao longo dos anos, nomes como Ribeiro Telles, Fernando Salgueiro, Manuel dos Santos, Manuel Conde e Nuno Salvção Barreto escutaram os *pasodobles toreros*, tocados pela “Figueirense” e “Dez D’Agosto”, que desde a primeira corrida abrilhantam o espectáculo.

Em 2002, Joaquim Bastinhas ofereceu o último ferro de uma noite tauromáquica à Filarmónica Figueirense, que comemorava os seus 160 anos de existência, a maior parte dela a tocar, todos os verões, nas corridas de touros. Já antes o fizera à Dez de Agosto.

No ano passado, o próprio Coliseu Figueirense homenageou as duas filarmónicas, por

serem, desde o início, a banda sonora da Festa Brava figueirense.

A pé ou a cavalo, viveram-se tardes e noites de grande

afficion no redondel centenário, durante largos anos considerado a segunda das praças portuguesas, logo a seguir ao Campo Pequeno, em Lisboa.



Pedrito de Portugal, um dos nomes sonantes da tauromaquia portuguesa actual, já pisou diversas vezes a arena figueirense



Com o evoluir dos tempos, as mulheres deixaram bancadas, galerias e camarotes e fizeram também sua a arena

Irmãos HELENO, Lda.
Montagens Eléctricas e Mecânicas

Actividade:

- *Infra Estruturas e Instalações Eléctricas de BT e MT
- *Infra Estruturas e Instalações Telefónicas
- *Infra Estruturas e Instalações de Águas
- *Infra Estruturas e Instalações de Gás

Sede: Tv. da Rua do Viso, n.º 2 Cave Esquerda -3080-175 Figueira da Foz
Contactos: Telefone: 233 429 824 Fax: 233 428 460 Apartado: 1018 -3080-501- Figueira da Foz
Serviços Administrativos e Armazém: Rua 1.º de Maio, n.º 4 3090-446- Ferreira-a-Nova
Contactos: Telefone: 233 927 000 Fax: 233 927 009
E-mail: irmaoshelena@irmaoshelena.com.pt

AUTO-TOURIL, LDA

Serviço Permanente de Pronto-Socorro e Assistência

Linha Verde (só reboques) 800 205 898

Oficina de reparações de automóveis

- * Mecânica geral
- * Especializado em Motores Diesel e Hidráulicos
- * Bate-chapa
- * Pintura

Largo do Coliseu, 25 * 3080-171 Figueira da Foz Tel. 233 426 360 * Fax 233 429 687 * Tlm. 962 656 235

Serviço de Taxi 24 Horas

Somaro, Lda

Assistência Gás 24h
233 435 528
gas@somaro.pt

LINHA VERDE 800 20 23 53

Praça 8 de Maio, 64
3080-054 Figueira da Foz
Telefone/Fax: 233 402 777 / 8
comercial@somaro.pt
www.somaro.pt

TIEN 21
Especialistas em Electrodomésticos

galp gás energia revendedor

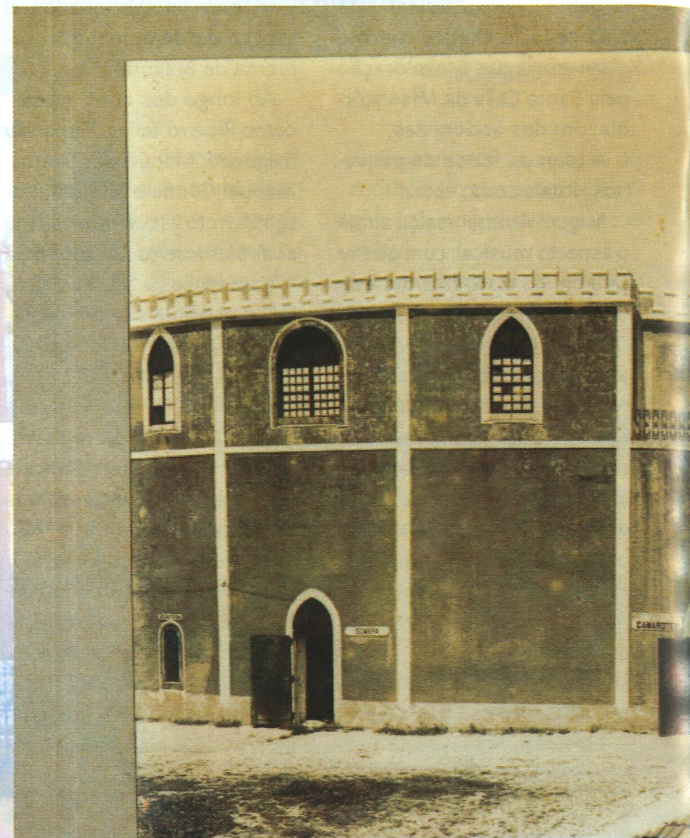
O Coliseu Figueirense na imprensa

Em 1895 publicavam-se, na Figueira da Foz, dois jornais: a *Gazeta da Figueira* e *O Povo da Figueira*. A primeira referência ao Coliseu Figueirense acontece na *Gazeta da Figueira*, a 3 de Abril de 1865, com a publicação da escritura pública de constituição provisória da Companhia do Coliseu Figueirense, decidida numa reunião realizada a 23 de Março daquele mesmo ano, no salão do Mercado Engenheiro Silva. N' *O Povo da Figueira*, no dia seguinte, podia ler-se:

"Apesar do tempo irregularíssimo que tem feito, havendo dias em que foi impossível trabalhar, tem continuado o serviço de desaterro no local destinado à construção do Coliseu Figueirense. Em virtude da grande dificuldade que havia na vigilância do serviço de ponto de 500 pessoas, a comissão de construção reduziu esta semana o pessoal, ficando o número de trabalhadores (homens, mulheres e crianças) em pouco mais de metade. Se o tempo ajudar, isto é, se acabarem de vez os negregados aguaceiros que têm caído, devem prosseguir os trabalhos com actividade, contando-se que devam principiar, brevemente, os trabalhos de alvenaria (fundações, paredes interiores, etc.) sob a direcção do considerado mestre de obras sr. João Martins Hespanhol. Da fiscalização de todo o serviço ficou encarregado o nosso patrício e amigo sr. João Maria d'Assunção Costa, simpático e inteligente rapaz que à sua muita competência reúne um apurado bom gosto em tudo quanto executa, e que mais uma vez justifica o conhecido prolóquio: Filho de peixe sabe nadar. Foi ele também o encarregado da planta do Coliseu. Por estes dias é aberta a subscrição pública das acções da companhia desta nova casa de espectáculos. Consta-nos que há importantes pedidos de acções para indivíduos desta cidade e de fora, o que era de esperar, porque tudo leva a crer, já pela escolha do local, já pelos cavalheiros que estão à testa da empresa e da comissão de obras, que será um bom emprego de capital. Foi registada a escritura provisória da companhia e procede-se à confecção dos estatutos."

Tinha razão o jornal. Os anúncios de venda de acções foram rapidamente substituídos, nas páginas dos dois jornais, pelos de compra, colocados por interessados depois de se esgotarem as cerca de 10 mil acções disponibilizadas. A 6 de Julho, a *Gazeta da Figueira* confirmava o cumprimento dos prazos.

"Parece que será efectivamente no dia 24 de Agosto próximo a inauguração desta esplêndida praça de touros, cuja construção se adianta de dia para dia de uma forma extraordinária. Está em mais de meio o assentamento das bancadas, e segue agora a construção dos curros, etc. As paredes exteriores estão quase concluídas, devendo proximamente começar a macadamização da arena e colocação da trincheira falsa".



Vem de longe a relação estreita entre o Coliseu Figueirense e a comunicação social local. A ponto de começar antes de o redondel existir, quando era ainda um sonho, pouco mais do que um projecto, depois uma obra em curso de que se aguardava, com indistinta ansiedade, a inauguração.

E, mesmo antes deste acontecimento, o Coliseu Figueirense foi o mote para uma aguerrida polémica entre um jornal local e o nacional "O Século". Também *O Figueirense*, quando surge em Junho de 1919, não tarda a

Da escritura provisória aos nossos dias

E advertia os mais distraídos:

"Para a tourada de inauguração estão já tomados quase todos os camarotes, e decerto que haverá o maior entusiasmo em assistir àquela corrida, que deve ser, por todos os títulos, entusiástica".

Os preparativos começaram com o mês de Agosto. Na *Gazeta da Figueira* de 14 do mês mais animado da cidade, eram publicados dois anúncios.

O primeiro convidava os accionistas a irem marcar os seus lugares para as corridas inaugurais, a 25 e 26 desse mês; o segundo dava conta da abertura de concurso para serviços paralelos:

"Até ao dia 20 do corrente recebem-se propostas para arrendamento dos cafés e restaurantes do Coliseu e fornecimento de refrescos, bem como para o aluguer de almofadas nas bancadas".

Assinava o presidente da direcção, José Jacinto da Silva Pinto. No dia seguinte, no *O Povo da Figueira*, rebentava a polémica. Numa coluna intitulada "Protesto", lia-se:

"O nosso colega O Século publicou na segunda-feira um telegrama um pouco insidioso, expedido desta cidade, e referente aos artistas que virão trabalhar nas duas corridas de inauguração do Coliseu Figueirense."

Não podemos deixar de protestar contra esse telegrama que, com a sua linguagem pouco conforme com os interesses não só do Coliseu mas da Figueira, vai melindrar a digna empresa daquela praça de touros, a qual envida os maiores esforços para trazer a esta cidade artista de reconhecido mérito e touros de primeira qualidade."

Com a construção do Coliseu Figueirense proporcionou-se trabalho a dezenas e dezenas de operários que jaziam na miséria por não terem onde empregar a sua actividade, e com a sua exploração atrai-se-ão a esta formosa cidade muitos centenas de forasteiros que aqui deixarão somas relativamente avultadas, das quais directa ou indirectamente todos auferem uma parte."

Aproveitamos esta ocasião para felicitar os iniciadores da empresa do Coliseu, por terem levado a cabo um empreendimento de tanta importância e com o qual a Figueira tanto tem a lucrar".

dar notícias sobre a praça de touros, revelando a sua importância, e o peso da sua história, então com cerca de 25 anos, para o pulsar da cidade.

À luz do tempo que passou, estas são páginas, coloridas a despeito do preto e branco da impressão, da história de uma instituição, da cidade que a viu nascer, e da sociedade, também ela recheada de cores alegres, que animava a Praia da Claridade, e que não tardou a encher bancadas, galerias e camarotes do Coliseu Figueirense...

05/0260



* Tipografia
* Carimbos
* Offset
* Estampagem
* Plastificação
* Livros
* Revistas
* Impressão Digital



Rua dos Ferreiros, 27-29 * Tel. 233 423 073 * 233 424 894 * Fax 233 423 073 * 3080-118 Fig. da Foz * E-mail: cruzcardoso@sapo.pt



INDÚSTRIA * AGRICULTURA * PESCAS

SOCIEDADE DE MÁQUINAS E FERRAMENTAS DA FIGUEIRA, LDA

R. Fernandes Tomás, 40-46

Ap.144 Bairro da Estação

3081-801 Figueira da Foz

Telf: 233 426824/233 422948-Fax: 233 424480

05/0264



Páginas soltas

A indignação era clara. Quatro dias mais tarde – o jornal era bi-semanal – a saga em defesa da honra do Coliseu continuava. Com o título “É bico ou cabeça?”, escrevia-se o que “o pseudo-correspondente do Século” tinha transmitido àquele jornal da capital, por meio de telegrama.

“Figueira da Foz, 11, às 4 e 40 t (tarde) – Século, Lisboa – Nos dias 25 e 26 realiza-se a inauguração da nova praça de touros com duas corridas; ainda não podemos saber os nomes dos artistas; provavelmente algumas mediocridades, como é costume nesta pacata e paciente cidade. Haverá comboios a preços reduzidos”.

Depois, como as declarações tivessem despoletado reacções fervorosas, o correspondente apressou-se, em telegrama também reproduzido no jornal, a ‘emendar a mão’:

“Figueira da Foz, 13, à 1 e 50 t (tarde) – Século, Lisboa. Finalmente posso dar os nomes dos artistas que hão de tomar parte nas touradas de inauguração da óptima praça de touros no Coliseu Figueirense”.

O correspondente enuncia então os nomes, encabeçados pelo cavaleiro Alfredo Tinoco, e conclui:

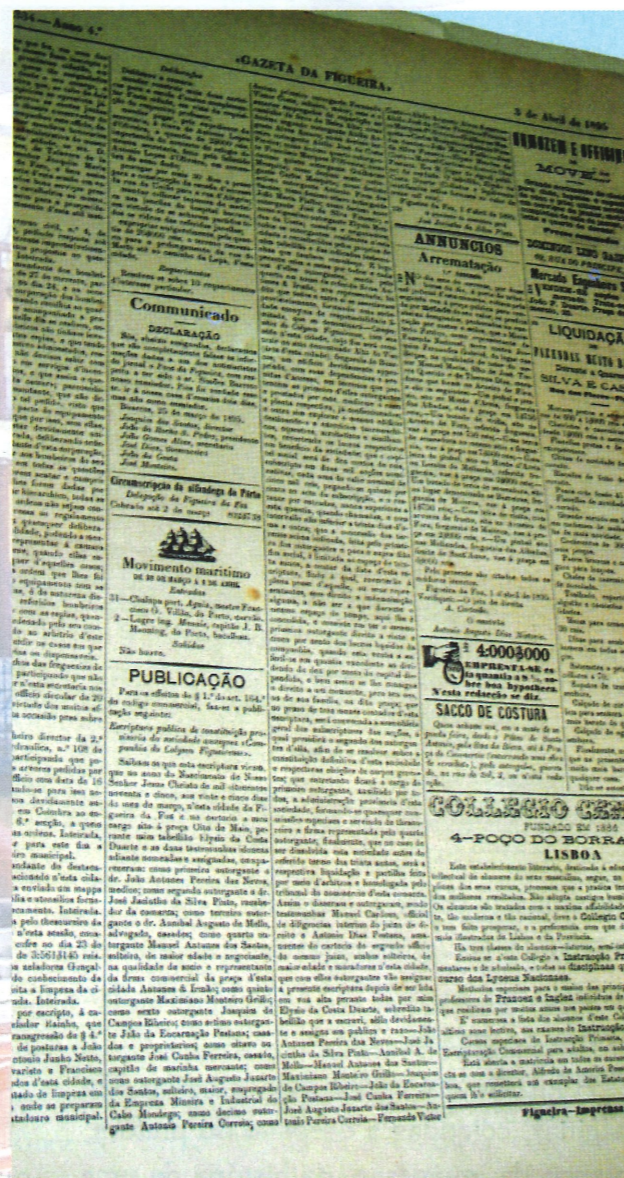
“Como se vê, o pessoal é o que há de melhor entre artistas portugueses, incluindo Minuto”.

Mas O Povo da Figueira não embarcou neste pedido de desculpas arrevesado, e crucificava o infeliz autor dos telegramas, que teve ainda a veledade de, em novo telegrama, vir responder à crítica publicada no jornal local a 15 de Agosto, afirmando que a informação prestada ao Século no dia 11 era “a expressão da verdade”, classificando de “mal avisados os que (a) taxaram de insidioso, provocando resposta que decerto prejudicará a empresa, no que não sentimos prazer algum”.

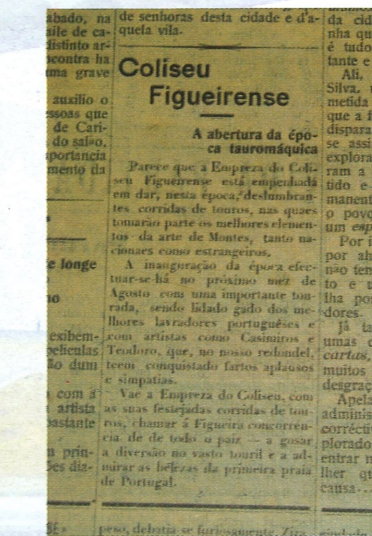
O Povo da Figueira não precisava de mais nada. A sequência de telegramas sustentava a irritação crescente:

“Quando é que você faltou à verdade, seu correspondente de duas caras: foi no primeiro e terceiro telegramas, ou no segundo? Foi quando tentava desacreditar insidiosamente a praça e os artistas que lá deviam trabalhar, ou quando elogiava uma e outros? E quanto à ameaça que faz de, se o provocarem, dar resposta que decerto prejudicará a empresa, causa-nos riso o seu pedantismo, porque não serão as invectivas e arguições dum tal Jau que prejudicarão o crédito dos respeitáveis cavalheiros que, com tanta proficiência e desinteresse, dirigem a empresa do Coliseu Figueirense”.

No prelo



O primeiro registo em jornal sobre o Coliseu Figueirense, aconteceu na Gazeta da Figueira, a 3 de Abril de 1895, com a publicação da escritura pública provisória da constituição da Companhia do Coliseu Figueirense.



Primeira notícia sobre o Coliseu Figueirense publicada n'O Figueirense, a 31 de Julho de 1919, anunciando a abertura da época tauro-máquica, com artistas como os Casimiros e Tendo.

Páginas soltas

E concluía o episódio com um irrefutável “Au revoir”.

Entretanto, aproximava-se a passos largos a inauguração da praça. Uma vistoria anunciada nos jornais, revelava dias depois que a comissão deliberou que o espaço “satisfaz todas as condições de segurança, mas que todavia, para servir nos anos futuros, torna-se necessário reforçar os consoles do balcão e bem assim estabelecer prumos a meia distância entre os pilares de alvenaria que sustentam as diagonais das bancadas”.

Menos tecnicistas, os jornais alardeavam as boas condições do Coliseu:

“Levantado num local excelente, de onde se desfrutam panoramas amplísimos, variados e soberbos, está no entender dos competentes, nas melhores condições para o fim a que se destinou. É sólido, é elegante, é vasto e cómodo, possuindo capacidade para cerca de 7 mil pessoas, e sem que estas fiquem mal instaladas”.

Depois... depois chegou a inauguração, amplamente descrita. Mais do que os touros, os cavaleiros ou os forcados, mais do que a música e a *afficion*, o que seduzia os jornais locais era o inédito da moldura humana.

“Nos camarotes todos enfeitados, e no balcão, realçavam os rostos graciosos das damas espanholas, nas suas mantilhas de renda, brancas ou pretas, que elas tão graciosamente sabem colocar e enfeitar com flores em que predominam sempre as cores da bandeira espanhola. Era lindíssimo o aspecto da praça”.

Nota: O português foi, nas transcrições dos artigos, atualizado.

O Povo da Figueira publicava, a 11 de Agosto, dois anúncios alusivos ao Coliseu. O primeiro ‘chamava’ os acionistas para irem marcar os seus lugares, o segundo abria a contratação de serviços vários, entre eles o de alugar de almofadas para tornar mais cómodos os bancos de cimento.

COMPANHIA DO Coliseu Figueirense

AVISO

147 SÃO convidados os srs. accionistas d'esta Companhia a virem marcar os seus lugares, até ao dia 15, para as corridas dos dias 25 e 26 de corrente. Figueira, 10 de agosto de 1895.

O Presidente da Direcção José Jacintho da Silva Pinto.

COMPANHIA DO Coliseu Figueirense

148 ATE ao dia 20 do corrente recebem-se propostas para arrendamento dos cafés e restaurantes do Coliseu e fornecimento de refrescos, nos dias de corrida, bem como para o aluguer de almofadas nas bancadas. Figueira, 10 de agosto de 1895.

O Presidente da Direcção José Jacintho da Silva Pinto.



Diniz & Tenreiro, Lda

Contabilidade, Fiscalidade, Consultadoria e Gestão

Técnico Oficial de Contas: Nuno Diniz

Rua Rancho das Cantarinhas, 5 Salas 14/15 Torre 2 Buarcos 3080-250 Figueira da Foz
Tel.: 233 421 057/233 421 048/233 421 821 Fax: 23 421 072 Tlm: 917 222 385
E-mail: n.diniz.dtl@mail.telepac.pt

jpb

jorge bártolo - ARQUITECTO - tmv 965 405 865 - telef [+351] 233 420 452 - fax [+351] 233420 496
rua billerud nº 52 1º d - 3080 figueira da foz - e-mail: jbartolo44@hotmail.com

Futuro em (céu) aberto



Pelos anos fora, os jornais locais continuaram a registar, de forma empenhada, os acontecimentos no Coliseu Figueirense, descrevendo a chegada dos touros à pastagem de Carritos, onde muitos iam vê-los, avaliá-los, e adivinhar da sua prestação nas corridas. As peripécias, os touros que se tresmalhavam nos percursos, o homem que, obrigado a fugir a cavalo de um dos touros que pastava, foi contra uma árvore e se lesionou, e as cores, as muitas cores garridas das mulheres, sobretudo espanholas, que enchem de luz o redondel.



Com o tempo, o Coliseu Figueirense acolheu muito mais do que touradas. As garraçadas dos estudantes da Universidade de Coimbra, e muitas de organizações de trabalhadores; as semanas académicas de estudantes figueirenses; muitos espectáculos musicais; a Festa da Sardinha; o desfile das marchas de S. João e dos concorrentes do Banho Santo; as iniciativas da Malta do Viso, uma associação formada por aqueles que, tendo crescido na zona do Coliseu, ali firmaram as raízes das suas memórias mais doces da infância e adolescência, e que agora vai ter finalmente uma sala no centenário edifício; eventos desportivos diversos, como maratonas de ciclismo, e até um espectáculo dos famosos "Harlem Globetrotters", em 1955.

São incontáveis os eventos que fizeram do Coliseu Figueirense a sua casa.



Com cento e dez anos, "a praça figueirense mantém-se viva, energética, sedenta de mais e melhor", frisa Fernando Nogueira e Silva, outro dos directores do Coliseu.

As obras em curso vão lavar o rosto ao edifício, deixá-lo mais bonito, mais convidativo para muitos outros acontecimentos.

A sonhada cobertura poderá fazer estender esta actividade a todos os meses do ano.

Cobertura continuarão, sem dúvida, os jornais locais – e as rádios – a dar aos eventos, tauromáquicos ou outros, que aqui venham a acontecer. Porque a festa, brava, vai continuar...



05/0268

mercure

ACCOR
hotels

FIGUEIRA DA FOZ

m m m

Bem-vindo!



Buffets de Verão

Buffet Gourmet...
de sábado a domingo!
Para Famílias e "Bons Garfos"...

Com saladas variadas, sopa, 1 prato de massa, 1 prato de peixe, 1 prato de carne (Leitão à Bairrada no jantar de sábado e no almoço de domingo) espelho de charcutaria, espelho de marisco, tábua de queijos, presunto serrano, buffet de sobremesas e fruta variada
24,5 € por pessoa (inclui bebidas não alcoólicas e café)



Buffet Sol e Mar...
de segunda a sexta!
A opção para os seus dias de praia...

Com saladas variadas, sopa, 1 prato de peixe, 1 prato de carne, espelho de charcutaria, tábua de queijos, buffet de sobremesas e fruta variada
14,5 € por pessoa (inclui bebidas não alcoólicas e café)



Situado no centro da cidade e em frente à "Praia da Claridade", o Hotel Mercure Figueira da Foz oferece-lhe serviço de Restaurante, Banquetes, Bar e Sala de Reuniões. Informar e aconselhar é a nossa maneira de vos acolher com a "Chaves da Cidade"



Hotel Mercure Figueira da Foz

★ ★ ★ ★

Av. 25 de Abril, nº 22 * 3080 086 Figueira da Foz * Portugal
Tel.: (351) 233 403 900 * Fax: (351) 233 403 901
e-mail: h1921@accor.com